

MAPA- CORPO

AMÉLIA BENTES

Melhor do que criar, só co-criar. Gosto desse desafio. As artes de palco são sempre colaborações. Mas um projecto onde os colaboradores realmente se abrem ao diálogo e à diferença é um desafio muito raramente assumido. Assim, como ponto de partida fundamental, a personalidade dos colaboradores envolvidos. “Mapacorpo” é um dueto no feminino interpretado por mim e pela Leonor Keil, com percursos idênticos mas distintas nas suas fisicalidades. Trabalhámos essa proximidade e essa diferença. Começamos juntas numa mesma pele, que depois é tirada, tratada como uma coisa. Como extensões uma da outra, completamo-nos e desorganizamo-nos. Prefiro sempre dançar com música ao vivo, numa escuta mútua. O Vítor Rua é um criador de atmosferas espectaculares, acompanha e estimula. ¶ O Jorge Gonçalves, no desenho digital em tempo real, já colaborou comigo nos últimos trabalhos. Tem uma técnica e uma linguagem muito inovadoras e ainda com muitos caminhos a explorar. Completa o discurso, mas também implica metamorfoses que, entrando pelo movimento dentro, o transformam poeticamente. Ao fim de vários meses de pesquisa e ensaios, uma primeira versão, acompanhada de muitos materiais de pesquisa, foi exposta ao olhar muito particular da coreógrafa brasileira Lia Rodrigues.

SEXTA-FEIRA 11

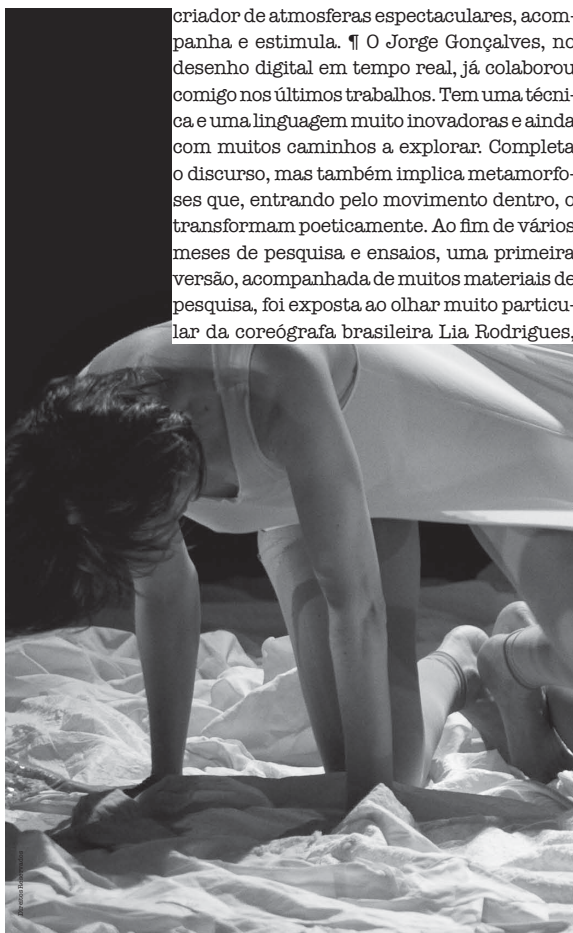
22:00

PEQUENO AUDITÓRIO

“MAPACORPO” É UM DUETO NO FEMININO COM AMÉLIA BENTES E LEONOR KEIL, DUAS INTÉRPRETES E CRIADORAS CONHECIDAS DO PÚBLICO, COM PERCURSOS IDÊNTICOS, UMA ESTÉTICA COMUM MAS DISTINTAS NAS SUAS FISICALIDADES.

EM “MAPACORPO”, A DANÇA CRUZA-SE COM O DESENHO DIGITAL, EM TEMPO REAL, E A MÚSICA AO VIVO. NESTE ESPECTÁCULO, EXPLORAM-SE AS POSSIBILIDADES DO CRUZAMENTO DE LINGUAGENS E CONFRONTO DE ESTÉTICAS, EM ESTREITA COLABORAÇÃO COM CRIADORES COMO JORGE GONÇALVES, A COREÓGRAFA BRASILEIRA LIA RODRIGUES E O MÚSICO VÍTOR RUA.

“MAPACORPO” IS A TWO-WOMAN SHOW FROM AMÉLIA BENTES AND LEONOR KEIL, TWO PERFORMERS AND ARTISTS WELL-KNOWN TO AUDIENCES WITH NEARLY IDENTICAL CAREERS WITHIN A COMMON AESTHETIC YET ONE THAT IS DISTINCT IN ITS PHYSICALITY. IN “MAPACORPO,” DANCE MINGLES WITH DIGITAL DESIGN IN REAL TIME AND FEATURES WITH LIVE MUSIC, WITH THE SHOW EXPLORING THE INTERSECTING POSSIBILITIES OF LANGUAGE AND THE CONFRONTATION OF AESTHETICS. COLLABORATING ARE ARTIST’S JORGE GONÇALVES, THE BRAZILIAN CHOREOGRAPHER LIA RODRIGUES AND MUSICIAN VÍTOR RUA.



AS FRONTEIRAS DO SENTIDO*

a quem foi lançado o desafio de trabalhar o material existente. Estivemos durante um mês com esse olhar exterior, inteligente, sensível e respeitador. Partimos da ideia de mapear o nosso próprio espaço. Uma viagem. Um estudo do mapa da realidade: histórias que acumulamos, escolhas que fazemos e que determinam o que somos. Um corpo tem história, a viagem é também no tempo: que mudanças se processam num corpo? Como estar no corpo agora? O nosso mapa é sempre solitário e sempre acompanhado por alguém. É um lugar secreto, onírico, da nostalgia do particular, do impreciso, indescritível. Este trabalho será todo projectado no chão de forma a dar corpo a esta metáfora de mapear o corpo no espaço e mostrar como a tecnologia influencia os corpos em movimento ou

vice-versa. No palco, o quadrado de 5 por 5 metros no chão funciona como uma tela ou folha de papel onde são desenhados pensamentos, mais do que sentimentos: o próprio desenho prolonga o que é pensado. À medida que o branco é preenchido, surge também a procura do descanso. Da paz. Como diz Genet no inspirador livro sobre Giacometti, não é o traço que tem elegância ou plenitude, mas sim o espaço branco por ele contido. É o barro que faz a ânfora, mas é o vazio interno que lhe dá sentido. Como nos recortamos nesse espaço, nos erguemos dessa folha, quatro performers, tridimensionais, vulneráveis, dialogando com a música e com o silêncio, por vezes excessivos, vivos? Procuramos em cada instante estar presentes. E ser honestos, que é o mais difícil. *Amélia Bentes*

yet always with someone accompanying us. It is a secret place, dream-like, nostalgic for the particular, imprecise and indescribable. The performance is geared to floor work in order to imbue the body with the metaphor of mapping the body in space and showing how technology influences bodies in movement, and vice versa. On stage, a 5 x 5 meter square on the floor will function as a canvas or sheet of paper where thoughts are drawn out more than feelings: the very design prolongs what is being thought. While the white space is being filled up, the search for rest is taking place. Peace. As Genet says in the inspiring book on Giacometti, it is not the stroke which shows elegance or fullness, but the blank space in which it is contained. It is the clay which makes the amphora, but it is the empty space inside which gives it its purpose. As we are cutting up this space, we rise up from it: four performers, three-dimensional, vulnerable, dialoguing with the music and with silence, at times excessive, alive? We strive to be present at all times. And to be honest, which is more difficult. *Amélia Bentes*

“Mapacorpo”, de Amélia Bentes, é, segundo a própria, “um lugar secreto, onírico, da nostalgia do particular, do impreciso, indescritível”. A peça, que junta no mesmo espaço cénico a dança, a música e o desenho gráfico (para além do dueto protagonizado por Amélia Bentes e Leonor Keil, actuam, em tempo real, o músico Vítor Rua e o desenhador digital Jorge Gonçalves), pretende mapear um espaço que se alimenta de cumplicidades, mas também da diferença. Um espaço que não recusa as fronteiras determinadas pela tecnologia, ela própria condicionadora do seu uso e, consequentemente, das viagens que nele empreendemos. Mas, nesta viagem, traçam-se percursos de colaboração, sinal da possível e desejada convergência entre os diversos, alavancadora das dinâmicas inter-pessoais, e metáfora de um ponto de partida, de uma origem, comuns. ¶ No início da performance, corpos confundidos com o solo libertam-se de um tecido que os acolhe. Por momentos, ainda que breves, contemplam a materialidade da sua origem. Como dois seres

UM CORPO TEM HISTÓRIA, A VIAGEM É TAMBÉM NO TEMPO: QUE MUDANÇAS SE PROCESSAM NUM CORPO? COMO ESTAR NO CORPO AGORA? O NOSSO MAPA É SEMPRE SOLITÁRIO E SEMPRE ACOMPANHADO POR ALGUÉM. É UM LUGAR SECRETO, ONÍRICO, DA NOSTALGIA DO PARTICULAR, DO IMPRECISO, INDESCRITÍVEL.

A BODY WHICH HAS HISTORY, THE JOURNEY IS ALSO ONE IN TIME: WHAT CHANGES ARE IN PROCESS WITHIN THE BODY? HOW SHOULD WE BE INSIDE THE BODY NOW? OUR MAP IS ALWAYS A SOLITARY ONE YET ALWAYS WITH SOMEONE ACCOMPANYING US. IT IS A SECRET PLACE, DREAM-LIKE, NOSTALGIC FOR THE PARTICULAR, IMPRECISE AND INDESCRIBABLE.

Better than creating is co-creating. I like this challenge. Stage arts are always a collaboration. But a project where the participants are really opening up to dialogue and differences is a challenge which is rarely taken up, with a fundamental stepping off point being the personalities of the artists involved. “Mapacorpo” is a two-woman show performed by myself and Leonor Keil, and although our careers are nearly identical, we have distinct physicality. We have worked with this sense of proximity and difference. We begin in the same skin, then remove it, dealing with it as a thing. With each one of us an extension of the other, we complete ourselves and disorganize ourselves. I always prefer to dance with live music, in the mutual sense of listening. Vítor Rua creates spectacular atmospheres which accompany and excite us. ¶ Jorge Gonçalves, with real time digital design, has worked with me on my most recent projects. He has a very innovative technique and language, but still with many paths he can explore. He completes the discourse but also implies metamorphoses which by penetrating the movement, transforms it poetically. After several months of research and rehearsals, a first version using many researched materials was shown to Brazilian choreographer Lia Rodrigues who challenged us to use the existing material. For a month we worked on this outward-looking, intelligent, sensitive and respectful perspective. We began with the idea of mapping our own space. A journey. A study on the map of reality: the stories we accumulate, the choices we make and which determine what we are. A body which has history, the journey is also one in time: what changes are in process within the body? How should we be inside the body now? Our map is always a solitary one



NO INÍCIO DA PERFORMANCE, CORPOS CONFUNDIDOS COM O SOLO LIBERTAM-SE DE UM TECIDO QUE OS ACOE. POR MOMENTOS, AINDA QUE BREVES, CONTEMPLAM A MATERIALIDADE DA SUA ORIGEM. COMO DOIS SERES QUE HABITAM O MUNDO, INTERROGAM A SUA PRÓPRIA EXISTÊNCIA, UNINDO-SE POSTERIORMENTE NA MESMA PELE, COMO QUE PROCURANDO A COMPREENSÃO DO QUE APARECE À NOSSA CONSCIÊNCIA.

AT THE BEGINNING OF THE PERFORMANCE, BODIES TAKEN FOR THE FLOOR ARE RELEASED FROM THE FABRIC THAT HOLDS THEM DOWN. FOR A MOMENT, HOWEVER BRIEF, THEY CONTEMPLATE THE MATERIALITY OF THEIR ORIGIN ON THE FLOOR. LIKE TWO BEINGS WHICH INHABIT THE WORLD, THEY QUESTION THEIR OWN EXISTENCE, LATER COMING TOGETHER IN THE SAME SKIN AS IF SEARCHING FOR THE UNDERSTANDING OF WHAT APPEARS BEFORE OUR CONSCIOUSNESS.

que habitam o mundo, interrogam a sua própria existência, unindo-se posteriormente na mesma pele, como que procurando a compreensão do que aparece à nossa consciência. De costas voltadas, tocam-se e fundem-se, fazendo parte de um só e mesmo organismo. Abraçam-se, conhecem-se e dão conta da sua imperiosa necessidade de comunicar. Há uma intuição radical e orgânica que torna o mundo expressivo. E dessa expressividade surge o movimento do corpos que se entrelaçam, procurando mitigar os desequilíbrios que encerram sem, contudo, os renegar. E, do círculo luminoso que abraça a terra, se abre um novo mundo de possíveis. ¶ A partir do jogo de cumplicidades que se estabelece, desenham-se traços que, no corpo,

evidenciam o tronco comum da nossa materialidade. Uma materialidade transferível, que se desvanece em pontos de luz capazes de provocar, com a sua energia, o espasmo da mudança. Nas linhas de cor desenhadas no solo, articulam-se movimentos como que à procura do seu próprio caminho. No entanto, estes são movimentos determinados pelo espaço e pelo minimalismo do som, pela luz branca que sincroniza. E é no branco que se revelam as fronteiras do sentido. Na elegância do seu traço, mora um espaço que é fiel depositário de “histórias que acumulamos, escolhas que fazemos e que determinam o que somos”. ¶ “Mapacorpo” é o resultado de uma equilibrada colaboração que emerge da conjugação de personalidades e discursos diferentes, que se cruzam na contingência de um espaço partilhado e, contudo, aberto à constante mutação que a polissemia lhe confere.

The frontiers of meaning*

“Mapacorpo”, in the words of creator Amélia Bentes, is “a secret place, dream-like, nostalgic for the particular, imprecise and indescribable.” The show, which brings the scenic space together with dance, music and graphic

design, (in the duet of Amélia Bentes and Leonor Keil, dancing in real time accompanied by musician Vítor Rua and digital designer Jorge Gonçalves), seeks to map out a space in which intimacies are nurtured along with differences. A space which does not spurn the frontiers placed before us by technology, itself the controller of its very use and thus of the journeys we undertake within the space. But in this journey, the course of collaboration is drawn, the sign of the possible and desired convergence of diverse parts which elevate interpersonal dynamics with the common metaphor of a stepping-off point,

of an origin. ¶ At the beginning of the performance, bodies taken for the floor are released from the fabric that holds them down. For a moment, however brief, they contemplate the materiality of their origin on the floor. Like two beings which inhabit the world, they question their own existence, later coming together in the same skin as if searching for the understanding of what appears before our consciousness. Back-to-back, they touch and merge, becoming part of the same organism. They hold and know each other, realizing their intense need to communicate. There is a radical and organic intuition which makes the world expressive. And from this expressiveness emerges the movement of bodies which intertwine, seeking to lessen the imbalance which surrounds them, yet without disowning it. And from the luminous circle which embraces the earth, a new world of possibilities is opened. ¶ From the intimacies which are established, courses are drawn out which in the body give evidence to the common body of our materiality. A transferable materiality which fades into points of light which, with its energy, cause a shudder of change. Within the colorful lines drawn on the floor, movements are articulated as if in search of their own direction. These are nevertheless the movements determined by the space and the minimalism of sound and the synchronizing white light. It is in the white that the frontiers of meaning are revealed. In the elegance of their traced lines there lives a space which is the faithful depository of “stories which we accumulate and the choices which we make which determine what we are.” ¶ “Mapacorpo” is the result of a balanced collaboration which emerges from the union of different personalities and discourses, which intersect in the possibility of a shared space, and yet one that is open to the constant mutation which comes from the fact that a word may have many definitions.

• Direção, Coreografia **Amélia Bentes** • Orientação Coreográfica **Lia Rodrigues** • Interpretação **Amélia Bentes** • **Leonor Keil** • Apoio Dramatúrgico **Paulo Filipe** • Música ao vivo **Vítor Rua** • Desenho Digital em tempo real **António Jorge Gonçalves**
• Figurinos **Carlota Lagido** • Vestido de seda **Lúcia Kolovrat** • Desenho de luz **Cristina Piedade**
• Direção técnica **Raúl Seguro** • Projecto financiado pela **DGArtes - Ministério da Cultura**
• Co-produção **Fundação Centro Cultural de Belém**
• Produção executiva **ACCCA, Companhia Clara Andermatt** • Gestão financeira **Produções Independentes, Associação** • Apoios **Escola Superior de Dança, Atlético Clube de Moscavidade**
• Agradecimentos **Companhia Paulo Ribeiro, Ângelo Lourenço**
• Estreia **26 e 27 de Fevereiro 2010 - CAPa, Centro de Artes Performativas do Algarve**
• Duração **50 min. (aprox.)** • Maiores de **12**